

O Minepa e o Malaíca fantasmas moçambicanos

POR

J. R. dos Santos Júnior

Antigo Chefe da Missão Antropológica de Moçambique
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

Nas seis campanhas da Missão Antropológica de Moçambique (1) foram muitos os materiais colhidos por mim e pelos meus dedicados colaboradores.

Foi possível, nem sempre com facilidade, agregar em algumas campanhas da Missão, distintos funcionários do quadro administrativo e do Museu Álvaro de Castro. Porém nenhum destes bons

(1) A Missão Antropológica de Moçambique foi criada em 1936 pelo então ministro das Colónias, Dr. Francisco Vieira Machado, a cuja memória presto a minha homenagem.

A Missão fez seis campanhas em Moçambique, nos anos de 1936, 1937, 1945, 1946, 1948 e 1955.

Eu e os meus dedicados companheiros Dr. António Augusto Fernandes, Luís dos Santos e J. Norberto de Campos Rodrigues dos Santos, publicamos cerca de 60 trabalhos de Antropologia Física, Etnografia e Psicotecnia dos indígenas moçambicanos e de Arqueologia de Moçambique.

Em 1955 uma Portaria estabeleceu um quinquénio de trabalho à Missão. O ano de 1955 seria para a realização da última campanha de trabalhos de campo em Moçambique e os quatro seguintes para trabalhos de gabinete.

Inesperadamente, e sem que ainda hoje eu saiba porquê, a Missão foi extinta ex-abrupto em Dezembro de 1958.

O corte de um ano ao quinquénio que havia sido estabelecido em portaria prejudicou muito o plano de trabalhos de aproveitamento dos muitos materiais colhidos.

Pedi por várias vezes a recriação dos trabalhos de gabinete mas nada consegui.

colaboradores trabalhou na sequência das seis campanhas. Os que puderam prestar maior assiduidade foram os dedicados colaboradores Luís dos Santos, em todas as campanhas, e o Dr. António Augusto Fernandes e o meu filho Joaquim Norberto de Campos Rodrigues dos Santos, estes dois nas últimas quatro campanhas.

Entre a grande quantidade de materiais colhidos respeitantes a crenças, usos e costumes, numa palavra, à Etnografia dos pretos de Moçambique, temos nos nossos apontamentos algumas notas referentes a duas entidades sobrenaturais, verdadeiros fantasmas, o *Minepa* e o *Malaica*, de que nos ocuparemos a seguir.

O Minepa de Nampula

Foi em Nampula, em Julho de 1948, durante a 5.^a campanha da Missão Antropológica, que tivemos conhecimento deste fantasma agigantado.

Jacinto Sabonete, cipai n.º 19 da Administração do concelho de Nampula, foi quem, pela primeira vez, nos falou dele.

Começou por nos dizer que o MINEPA, ou MENEPA era uma grande pedra que ficava na Serra Muipire, também chamada da Mesa, em terras do régulo Nampula.

Guiados por este cipai fomos ver este MINEPA, que fica a uns 8 a 10 quilómetros de Nampula, na ponta leste daquela serra.

Na base da Serra Muipire deparamos com um enorme rochedo granítico com os seus 25 a 30 metros de altura por 40 de largura, enquadrado, à direita e à esquerda, por um grupo de árvores esguias a que deu o nome de *murrales*.

Junto do rochedo não vimos qualquer grande ou pequeno terreiro, mas apenas alguns calhaus, irregularmente distribuídos, e lenha, que nos pareceu partida de há pouco.

Era ali, junto daquele penedo granítico, disse-nos o cipai, que os indígenas iam prestar culto ao MINEPA.

No regresso a Nampula, o nosso guia afirmou com a maior naturalidade, num misto de forte convicção e de impressionante insensibilidade, que, nos próximos dias, havia de morrer qualquer pessoa das aldeias indígenas à roda daquele *Minepa*, por ter sido visitado por brancos.

Mais informou que na mesma Serra Muipire, mais conhecida por serra da Mesa, sabia de mais dois *Minepas* em termo das terras do cabo Cocóla, ou seja, mais dois sítios onde os pretos iam invocar o *Minepa*. Acrescentou que ao *Minepa* das terras do cabo Cocóla chamam NACURRO, e vive na serra Cocóla.

O Minepa de Cocóla

Este *Minepa* é igual aos outros *Minepas*. «Tem figura de gente, é muito comprido, só tem uma perna, só um braço com um só dedo, só um olho no meio da testa, só uma orelha, e na cabeça só um cabelo» (Fig. 1).

A este Minepa da serra Cocóla chamam NACURRO, sem que se saiba porquê. Tão pouco souberam dizer o justo significado desta palavra.

Segundo o mesmo informador o *Nacurro*, além dos caracteres unitários indicados, tem grandes nádegas, as quais, em seu dizer, «eram do tamanho dum caixote», e a barriga grande e proeminente.

O seu grande tamanho, 5 a 6 metros de altura (!), e força à proporção, permite-lhe poder pegar num automóvel com toda a facilidade e tombá-lo como quem tomba uma caixa de fósforos.

Trata-se pois de uma estranha e gigantesca figura antropomórfica que os pretos acreditam viver isolada na serra, mas que pode vir às povoações.

Afirma-se que tem vindo algumas vezes a Nampula, onde há pessoas que o têm visto.

Acrescentou que é sinal de boa sorte ver-se um *Minepa*.

Especificou que, havia poucos dias, o *Nacurro* entrara de noite na fábrica de descasque de arroz de Ferreira dos Santos, e fora visto por um branco empregado da mesma.

Mais disse que na serra Cocóla o *Nacurro*, a cada passo, anda aos tiros a matar caça. «Às pessoas que que lhe aparecem, e falam com respeito, ele dá grandes pedaços de carne, que corta dos animais abatidos».

«O *Nacurro* avisa os pretos quando vai chover. Para isso faz um grande fogo no alto da serra.»

Quando os pretos vêem o alto da serra Cocóla a arder, logo começam a *colimar* ⁽¹⁾ as suas *machambas* e a tratar de as semear, pois é certo e sabido, que, o mais tardar, dentro de 4 ou 5 dias, cairá chuva em abundância.

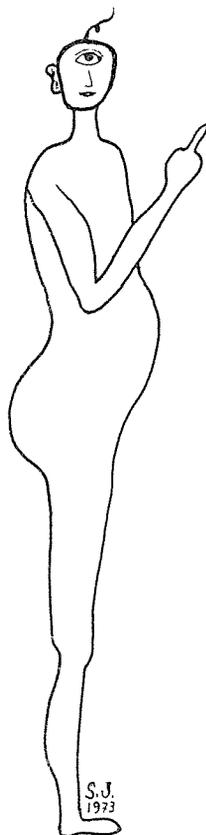


Fig. 1 — O Minepa como é imaginado pelos indígenas

(1) *Colimar* é termo corrente no norte de Moçambique, especialmente na Zambézia, e corresponde à preparação das terras para a sementeira; é uma cava pouco mais que superficial para o arranque das ervas.

Machamba é termo com difusão similar à do vocábulo anterior e exprime a propriedade agrícola, que o indígena prepara alguns na savana derrubando as árvores a que depois deita fogo.

Ao solícito cipai informador manifestei vontade de subir à serra Cocóla para ver se tinha a sorte de encontrar o *Nacurro*; ao mesmo tempo deixei transparecer perfeita credulidade na existência viva desse estranho e gigantesco figurão.

A reacção do informador foi imediata.

Logo nos disse que, por estarmos a falar do *Nacurro* e da ida, no dia seguinte, à serra, «o *Nacurro* sonhará que nós lá vamos; não nos fará mal; nenhum de nós o verá e ele ver-nos-á a todos, porque é ajudante de Deus, e, por isso, tem grandes poderes».

Ao mesmo tempo foi dizendo que nenhum preto se atreve a subir à serra Cocóla devido ao respeito, e medo, que todos têm pelo *Nacurro*.

A serra só é escalada por grupos de 10 a 20 indígenas, acompanhados pelo feiticeiro, que, de quando em quando, vai deitando punhadinhos de farinha no chão. Esses indígenas acompanhantes do feiticeiro são, quase sempre, aprendizes de feiticeiro.

De modo formal, certamente para nos dissuadir do propósito de subirmos à serra Cocóla, declarou que se lá fosse conosco não subiria à serra, porque tinha medo de morrer, e ainda mais, que não encontraríamos qualquer preto daqueles sítios para nos acompanhar, pois todos haviam de fugir ao verem-nos começar a subir aquela serra.

Daqui se depreende que, pelo menos em certas circunstâncias, o *Nacurro* pode ser elemento pernicioso ou maligno.

Por tal motivo e para evitar possíveis malefícios, com interferência do feiticeiro realizam-se cerimónias em sua honra, deitando farinha no chão, ao mesmo tempo que se lhe pede auxílio e protecção na realização dos mais variados actos da vida indígena.

Na opinião deste cipai, bem como na de todos os pretos daquela região, «o *Nacurro* é ajudante de Deus, e, por isso, pode dar tudo quanto se lhe pede».

As cerimónias fazem-se em sítios determinados como por exemplo junto do grande penedo da Serra Muitize ou da Mesa, como dissemos suceder com o *Minepa* de Nampula. Tais sítios são considerados lugares sagrados. Daí a relutância de nos guiarem até junto deles.

As cerimónias realizam-se com finalidades várias; muito especialmente para boa sorte nos seus negócios, na cura dos doentes e para pedir chuva, quando a seca é grande.

Tais cerimónias consistem no seguinte: vão junto do *Minepa*, sítio que, por generalização, toma o nome daquele a quem ali se lhe dedicam práticas rituais, levam farinha de milho que deitam no chão, e, em voz alta, fazem a petição do auxílio para conseguirem aquilo que pretendem.

Alguns exemplos dados pelo cipai.

«*Minepa*: Venho aqui trazer-te esta farinha para me dares sorte na venda do meu amendoim, fazendo com que o monhé ⁽¹⁾ m'o pague por bom preço.»

Outro exemplo.

«*Minepa*: trago-te esta farinha para me dares sorte na caça, para que eu mate 4 ou 5 cabeças e para que a caça me não faça mal.»

Estas são, digamos, pequenas cerimónias, individuais, ou, quando muito, familiares, pois é frequente que o peticionário se faça acompanhar das pessoas de família.

As grandes cerimónias são as de *ad petendam pluviam*, que são presididas pelo régulo, ou chefe indígena, acolitado pelo feiticeiro ou feiticeiros. Estas são, digamos, cerimónias colectivas.

Por último o cipai foi categórico ao afirmar que o *Nacurro* era o chefe de todos os *Minepas* da região de Nampula.

Há pois que concluir que o *Nacurro* é um *Minepa* de extraordinária importância e valia, visto ser um *Minepa-Chefe*.

Como dissemos atrás, é crença geral que o *Minepa* é ajudante de Deus.

Ao tentarmos averiguar o significado da palavra *Minepa* e da essência da entidade que esta palavra representa, não pudemos

(1) *Monhé* é o nome que em Moçambique dão ao asiático indiano. Os asiáticos naturais da Índia Portuguesa, Goa, Damão e Diu, são geralmente chamados *canecos*.

esclarecer suficientemente como os pretos compreendem aquela entidade.

Se por um lado a consideram corporizada e viva, na figura «de gente», como atrás referimos, por outro lado atribuem-lhe carácter de entidade mítica, invisível, com poderes sobrenaturais, tão grandes que a consideram ajudante de Deus.

Embora os pareceres de outros indígenas que inquirimos sobre os *Minepas* fossem, dum modo geral, concordantes com o que nos dissera o cipai, julgo não ter ficado suficientemente esclarecido sobre o conceito, ou conceitos, que do *Minepa* têm os indígenas.

Facto estranho, e que me espantou, foi o de o cipai dizer que a palavra *Minepa* significa diabo, e que diabo, na opinião geral, era, nem mais nem menos, do que a alma dos pretos que morriam.

Acreditam num Deus, «que está lá em cima e manda em tudo», e que o *Minepa* «se entende com Ele»: por isso é ao *Minepa* que formulam os seus pedidos.

Estranha coisa de ser um diabo a levar a Deus as petições dos homens, e certamente, a interceder para que as mesmas sejam satisfeitas.

Faz lembrar aquele aforismo jocoso, que tantas vezes tenho ouvido, «Deus é bom, mas o diabo não é tão mau como o pintam».

O Malaíca fantasma marinho

Colhemos várias notas sobre outro fantasma moçambicano de crença fortemente arreigada na região de Chicapa, na costa marinha ao sul de Porto Amélia, norte de Moçambique.

Tivemos conhecimento desse fantasma, o MALAÍCA, ao estudarmos as ruínas de Gomène, situadas a um pouco mais de meia distância de Porto Amélia a Mecúfi, perto da aldeia indígena de Chicapa e a umas quatro centenas de metros da estrada.

O MALAÍCA pela sua qualidade de fantasma, e ainda, como vamos ver, por ser alvo de culto, na qualidade que parece ser-lhe atribuída de mensageiro junto de Deus dos problemas, doenças e

angústias que afligem os homens, numa palavra, dos sofrimentos humanos, pode ser considerado um *minepa do mar*. Como as ruínas de Gomène abrigavam o *niñulo*, terreirinho circular com cerca de 3 metros de diâmetro, onde os pretos iam fazer cerimónias religiosas de culto aos espíritos e evocação das almas dos mortos, com finalidades de várias naturezas, há que dizer, sucintamente, o que são as ruínas de Gomène e as cerimónias culturais ali realizadas.

Ruínas de Gomène

Estas ruínas ficam próximo da Chicapa, aldeia indígena à borda da estrada e a sul de Porto Amélia.

Estão situadas na planura duma espécie de promontório sobranceiro ao mar, constituindo falésia, que, sobre a praia, terá uns 7 a 10 metros de altura.

Foi por esta falésia que tivemos de subir, na nossa primeira visita seguindo o guia informador, quando o certo é que o acesso pelo lado da estrada é facilimo.

Trata-se dum velho recinto muralhado que deve ter sido construído há muito tempo, a ajuizar pela existência dentro do recinto de grandes *mulapas*. Uma destas árvores, que está precisamente no alinhamento da muralha, tem pedras da mesma espetadas na base do seu grosso caule, em consequência do crescimento irradiante do mesmo (Fig. 2 a 5).

A muralha feita de pedra seca, derruída em alguns troços, está, no entanto, bastante bem conservada na maior parte da sua extensão, com uma altura média de um metro. Em alguns pontos atinge dois metros. Na base tem 80 a 90 centímetros de grossura.

O régulo local, Macussi, disse-nos que quem fez aquela fortaleza foi o Marrôrro, «seu avô muito antigo, de há mais de vinte vidas». Acrescentou que tudo aquilo foi feito por ordem, e sob a direcção, dum branco que ali deixou ficar Vasco da Gama, quando seguiu para a Índia.

O recinto abrangido pela muralha é irregularmente arredondado, com 83 metros de comprimento por 77 de largura. O seu perímetro totaliza 245 metros.

Com cerca de uma centena de trabalhadores, em 4 dias de serviço, limpamos o recinto de arbustos e ervagem, desafogamos a periferia das muralhas e um grande terreiro, fora delas, para o lado da terra. Deste terreiro abrimos uma estrada numa extensão de cerca de 400 metros a entroncar na estrada de Porto Amélia a Mecúfi. Ali pusemos uma tabuleta a assinalar as ruínas.

Abrimos duas pequenas valas exploradoras no interior do recinto.

A cirandagem de alguns metros cúbicos de terra escavada forneceu bastantes conchas de moluscos, fragmentos de cerâmica manual indígena, alguns ossos calcinados, um sílex subquadrado, talhado em bisel, pedra do cão das antigas espingardas de pederneira, e algumas contas de vidro de várias formas e tamanhos.

Se os trabalhos de gabinete da Missão Antropológica de Moçambique não tivessem sido extintos, ex-brupto, em 1958, o estudo destas ruínas teria sido acabado e, seguramente, publicado.

Aguardemos confiadamente que venham a ser recriados trabalhos de gabinete, para o estudo dos muitos materiais que foram colhidos nas seis campanhas da Missão Antropológica de Moçambique, e estão em arquivo no Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia», da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Práticas rituais realizadas nas ruínas de Gomène

Quando soube que aquelas ruínas eram sítio de especial veneração dos indígenas, tratei de solicitar a colaboração do régulo no sentido de que a nossa intromissão nas mesmas não constituísse afronta lançada à face dos pobres pretos, nem tão pouco um ultraje aos seus costumes religiosos.

Era necessário fazer cerimónia prestando culto ao minepa MALAÍCA e às almas dos antepassados, e, ao mesmo tempo, para que os nossos serviços corresse sem contratempo, nomeada-

mente que ninguém fosse mordido por cobras ou outros animais venenosos.

E assim é que, antes de começarmos os trabalhos, o régulo Macussi Marrôro, que é o *m'beuè mulupáli*, ou seja, o régulo grande daquela região, ali foi acompanhado dos seus conselheiros e, seguramente, do feiticeiro ou feiticeiros, como é de regra.

Agruparam-se junto do *niñulo*, o tal terreirinho que tinha algumas pequenas pedras no meio e que conservam sempre limpo de ervas e bem varrido (Fig. 6).

Conferenciaram a meia voz, depois do que se puseram de cócoras, agachados em torno do *niñulo* (Fig. 7 a 9).

Em seguida, primeiro o régulo e depois um ou outro dos seus conselheiros, falaram durante um bom par de minutos.

Terminada aquela cerimónia propiciatória pudemos iniciar os trabalhos, com a certeza de que se tinham aplacado as almas dos seus mortos e o MALAICA fantasma ficava, seguramente, agrado com a homenagem que lhe acabava de ser prestada.

Deste modo, livres de qualquer acometimento vingativo das entidades sobrenaturais referidas, os serviços correriam em ambiente tranquilizador.

Acompanhado pelo Macussi Marrôro percorri o recinto. Em vários sítios viam-se vasilhas de barro, umas inteiras e outras mais ou menos fragmentadas, restos de antigas cerimónias rituais.

Dei ordem expressa aos trabalhadores para não tocarem em nenhuma daquelas panelas de barro ou seus fragmentos. Tudo devia ser deixado tal como fosse encontrado.

O régulo explicou-me que ali acorriam os indígenas para a prática de ritos de vária natureza.

Um destes ritos é o *Ochinda orréta* celebrado na presença do *colocana*, o doutor indígena, que, segundo parece, é o oficiante.

Ochinda é palavra que significa acabar, e *orréta* doença. Esta cerimónia realizam-na com finalidade medicamentosa.

O *colocana* acompanhado por familiares do doente e também por este, se o puder fazer, formam comitiva e vão todos ao Gomène.

Uma vez ali, junto duma grande *mulapa* fazem os habituais montinhos de farinha, colocam ao pé da árvore a panelinha de

barro que trouxeram de casa com comida, e fazem a evocação dos espíritos implorando a cura do doente.

Depois, um homem que saiba nadar, leva a panelinha à cabeça e vai caminhando mar a dentro até que a água lhe chegue à boca. Então mergulha muito devagarinho, larga a panela e nada para terra.

Outra cerimónia que, também ali costumam fazer é a *Ochinda carramo ákuè*. *Ochinda*, como já vimos, significa acabar, *carramo* é leão e *ákuè* morrer ou matar. Fazem-na quando a fera, quase sempre um leão velho, ronda o povoado e se habituou a caçar e a comer gente. Então tratam de organizar a caça àquele leão comedor de gente, e a primeira coisa a fazer é a *Ochinda carramo ákuè*, acto propiciatório do bom êxito da caçada.

Nesta cerimónia a comida é deixada no chão junto da *mulapa* ou no sítio que foi escolhido, e pode ser algures junto da muralha.

O Malaíca

O Malaíca é um fantasma marinho.

Aparece em forma de fogueira ou labareda na superfície do mar. Umas vezes delgada como o braço duma pessoa e alta, podendo atingir a altura duma grande *mulapa*, mais de 15 metros. Outras vezes pode encolher e engrossar como o corpo duma pessoa ou ainda mais grosso.

Aquele fogo aparece sempre no mar. Pode manter-se algum tempo em luz viva e resplandecente. Depois de se apagar, pode ir acender noutro ponto, mais ao mar ou mais à terra.

As suas deslocações podem ser pequenas ou amplas, e, neste caso, pode vir à terra. Já se tem visto vir até à grande *mulapa* onde se leva a panelinha com comida para a cerimónia *Ochinda òrreta*, a que atrás nos referimos. É, coisa estranha e singular, aquele fogo em labareda trepa ondulante pela árvore acima sem a queimar ou sequer a chamuscar.

Aquele estranho lume de luz fria, que não queima, não é pròpriamente fogo, visto que não queima nem faz arder aquilo em que toca ou incide.

Na língua regional lume e fogo em labareda exprimem-se pela palavra *môrro*.

Pois bem, àquele lume em labareda do *Malaíca*, um fogo que não queima, chamam *namuengue*.

«*Malaíca* quando se desloca sobre o mar ou na terra está a voar. Tem asas e não tem pernas, por isso não pode andar, só voa.

«Quando está sentado é como uma pessoa sem pernas. O corpo é peludo e o pêlo todo branco.

«Quando a gente está a sonhar de noite, *Malaíca*, a voar pode vir ter com uma pessoa».

Em Nacala, informaram-me o seguinte, que vai também nos próprios termos em que me foi dito: «*Malaíca* é preto doente com espírito metido dentro do corpo, e, para curar, tem que ser tratado pelo *colocana*».

Será a figuração humana, embora sem pernas, que, no conceito indígena, lhe atribui a qualidade de *minepa*, e, concretamente, de *minepa* marinho?

No entanto julgo que mais se pode considerar o *Malaíca* como uma sereia voadora, com o corpo incandescente em labareda.

Procurei averiguar quais as circunstâncias em que aparecia o *Malaíca* e se poderia provocar-se o seu aparecimento com a realização de adequadas cerimónias apelativas ou de chamamento. O resultado foi nulo.

Parece poder concluir-se que o aparecimento do *Malaíca* é esporádico e puramente acidental.

Tentei averiguar se o aparecimento deste fantasma de fogo era sempre considerado de bom agouro ou se, em alguns casos, era considerado de mau preságio. E, mais ainda, num ou no outro caso, quais eram as práticas rituais a realizar, como propiciação benéfica ou como esconjuro de possíveis acções maléficas.

Este meu inquérito também foi baldado.

Como é natural, os indígenas mantêm atitudes de certo grau de reserva no que respeita a alguns dos seus usos e costumes, e, muito especialmente, quanto às suas práticas religiosas, sobretudo quando nelas interferem entidades sobrenaturais, como é o caso dos fantasmas *Minepa* e *Malaíca*.

Conclusões

As duas entidades sobrenaturais referidas são fantasmas aos quais a crença dos indígenas atribui existência real e grandes e extraordinários poderes.

Pelo que respeita ao *Minepa* ou *Menepa* talvez possa atribuir-se a esse gigantesco e fantástico personagem um adiantado conceito teológico.

O seu grande tamanho, gigante com 5 a 6 metros de altura, a sua força enorme e descomunal, a ponto de poder pegar num automóvel com a facilidade com que nós pegamos numa caixa de fósforos, e, sobretudo, a unidade mítica deste fantástico personagem, só com uma perna, um único braço, e só com um olho a meio da testa, pode supor-se que reflecte a ideia da unidade de Deus.

Tal como sucede noutros casos similares, o nome de *Minepa* tanto se dá ao fantasma gigante como aos sítios onde se vai evocar esta entidade sobrenatural e se lhe presta culto.

O mesmo sucede com os *Muzimos* da Zambézia ⁽¹⁾ que é o nome dado tanto aos locais, grandes pedras ou árvores, onde se realizam as práticas rituais, como às almas dos mortos, que ali se evocam e a que se presta culto.

É bem flagrante a dualidade do *Minepa*.

Fantasma que se dilui e difunde, não podendo ser visto por olhos humanos, mas que pode corporizar-se na figura antropomórfica referida, e descer ao povoado, como é crença ter sucedido, e mais de uma vez, em Nampula.

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Alguns «Muzimos» da Zambézia e o culto dos mortos*, in «Congresso Colonial» (IX Congresso) dos «Congressos do Mundo Português», Tomo 1.º, 1.ª Secção, Lisboa, 1940, pág. 357-377, e 10 figs.

Muzimo é palavra que significa «alma dum morto». Assim quando alguém se refere aos seus muzimos é o mesmo que dizer aos seus finados, isto é, às almas dos seus antepassados.

Por generalização chamam também *muzimos* aos lugares sagrados (penedo ou grande árvore) onde os indígenas vão invocar essas almas, levando-lhes oferendas de comida e de bebidas, que ali deixam em vasilhas de barro ou entornam no chão junto da pedra ou árvore sagradas.

O seu carácter dual expressa-se em atitudes de bondade, oferecendo «àqueles que lhe falam com respeito» grandes pedaços de carne dos animais por ele abatidos na serra, ou de maldade assassina, matando gente, como desforço enraivecido, por os *minepas*, lugares sagrados onde se lhe presta veneração, terem sido sacrilegamente visitados por brancos.

Ser benfazejo acende fogo no alto da serra a avisar que está para vir a chuva criadora, e, por isso, serem horas de preparar as terras para as sementeiras, mas também ser maléfico, infundindo tão grande temor aos pretos que nenhum se atreve a subir a serra Cocóla, a não ser em grupo e custodiados pelo feiticeiro.

O *Minepa* é quase onnipotente, porque, sendo *ajudante de Deus*, pode dar tudo quanto se lhe pede. E, certamente também pela mesma razão, goza do singular poder da omnisciência, pois, como atrás dissemos, é crença de que na altura em que dele falávamos e no propósito de ir à serra Cocóla, o *Minepa Nacurro*, naquele preciso momento, tinha conhecimento da nossa conserva e do nosso propósito.

Facto bastante estranho, e que me espantou, é o de considerarem o *Minepa* como um diabo. Digo um diabo porquanto os pretos da região de Nampula acreditam pelo menos em dois diabos. O *Minepa*, que é grande e o *Nissepa* que é pequenino.

Ao tentarmos apreender o conceito que os indígenas fazem destes seres fantásticos, ora benfazejos, ora malfazejos, o nosso embaraço aumentou quando nos disseram que há mais diabos.

Assim *Gini* «é um diabo que tem forma de pessoa, traz um pano nos olhos, e só vem quando uma pessoa está doente e se mete dentro dela».

Chetuane «é outro diabo que se mete na cabeça das pessoas, especialmente na das mulheres».

No que se refere ao *Malaica* os elementos que pude colher não foram muitos nem pormenorizados.

Trata-se, como vimos, de um lume vivo, resplandecente, que nasce à superfície do mar, em labareda, umas vezes esguio e comprido em altura, outras vezes curto e abarrilado. De vez em quando apaga para reacender aqui ou ali, mais ao mar ou mais à terra.

Pode mesmo vir pr'á terra e enroscar-se nas árvores, lambendo-as em labareda, sem as queimar nem sequer as chamuscar.

Trata-se pois de luz fria, como é própria de alguns animais fosforescentes.

É bem possível que o relativamente frequente fenómeno da fosforescência marinha das ondinhas a quebrar na praia, tenha levado a imaginação dos indígenas a altear aquele lume em labareda, e a criar o mito do *Malaíca*.

Como aquele lume se acende e apaga, para logo reacender mais além, a imaginação que criou aquele fantasma não podia deixar de lhe pôr asas, que lhe permitem voar a seu bel prazer.

Atribuem ao *Malaíca* «corpo de pessoa sem pernas, todo coberto de pêlos brancos».

A humanização deste fantasma, embora com agenesia dos membros inferiores e com asas, dará aos crentes desta fantasmagoria o sentimento de que tal humanização permitirá ao *Malaíca* perceber, e apreciar com justeza, as agruras, as necessidades e os padecimentos dos humanos, quando imploram a sua protecção mirífica.

E assim pôde ter sido criado e corporizado este maravilhoso fantasma.

Parece poder considerar-se uma curiosa modalidade do poético mito de sereia, vastamente difundido no mundo.

Nota final. Plínio na sua célebre obra, *História Natural*, em 27 volumes, fala da existência de homens estranhos.

Entre eles fala de homens com um único olho no meio da testa.

Quem sabe se os marinheiros romanos navegando pelos mares africanos teriam ouvido falar dos *minepas* e disso deram conhecimento a Plínio, que era, como que, o almirante da esquadra romana.

Para os indígenas o *Minepa* é, como vimos, uma figura antropomórfica real, com as singulares características morfológicas referidas e dotado de grandes e maravilhosos poderes. O relato a Plínio do que fora ouvido algures transformou o mito em realidade concreta.

Résumé

Le MINEPA et le MALAÍCA sont deux fantômes créés par l'imagination prodigieuse des nègres du Mozambique, Afrique Oriental Portugaise.

J'ai eu connaissance de ces deux fantômes pendant les campagnes de travaux de la Mission Anthropologique du Mozambique, de laquelle je fus le chef pendant une vingtaine d'années.

Les *Minepas* sont des personnages gigantesques de figuration humaine, avec 5 à 6 mètres haut.

Ils ont remarquable particularité unitaire, à savoir: une seule jambe, un seul bras avec un seul doigt, un seul oeil au milieu du front, une seule oreille et, au sommet de la tête, un seul cheveu.

Le plus important de tous les autres *Minepas* de la région de Nampula (nord du Mozambique) est le NACURRO qui, au dire des nègres, est le chef de tous les autres *Minepas* de la région. Il vive seule à la montagne Cocóla, auprès de Nampula.

Ce *Nacurro*, comme tous les autres *Minepas*, a le pouvoir de se rendre invisible aux yeux humains, néanmoins, même invisible, il continue à voir les hommes, et il peut se corporiser en figure humaine avec les caractères indiqués dessus.

C'est un personnage mythique, qui, à la croyance des nègres, a des grands pouvoirs, parce qu'il est aidant du bon Dieu.

Il a grande force, en accord avec son gigantisme, et le grand pouvoir de faire tout ce qu'on le demande pendant le cours des pratiques rituelles.

Les nègres le considèrent omnipotent.

Mais il est aussi omniscient, parce qu'il sait tout.

Il jouit d'une étrange dualité.

Est bon pour ceux qui le respectent, mais il est mauvais, pouvant tuer les hommes.

C'est à cause de ça que les nègres ont un peur terrible de monter à la montagne Cocóla où vive le *Nacurro*.

Les nègres racontent plusieurs bienfaits des *Minepas* comme intermédiaire entre les hommes et le bon Dieu.

C'est étonnant qu'ils les considèrent comme un diable.

Il faut dire un diable parce que pour les indigènes il-y-a plusieurs diables. *Le Minepa* est un diable grand. Ils croient en un autre diable, le *NISSEPA*, qui est très petit.

Le *GINI* est un diable qui a le corps humain, et porte un drap sur le yeux. C'est un personnage masqué qui vient quand quelqu'un est malade et se met au dédain de son corps.

Le *CHETUANE* est un autre diable qui se met au dédain de la tête des personnes, surtout aux têtes des femmes.

Le *MALAÍCA* est un autre fantôme resplandissant en feu vif.

Il naît à fleur de la mer en flamme éfillée et longue, parfois avec une dizaine de mètres. Mais il peut se raccourcir, et donc se rendre court et arrondi, en forme de tonneau.

Ce feu peut venir même à la terre, se plier en rond montant le tronc des arbres, les léchant sans les brûler, ou, du moins, les flamber. C'est un feu froid, comme est propre d'un certain nombre d'animaux, surtout vivant à la mer.

Pour les nègres, le *Malaíca* a le corps humain sans jambes et tout garni de poiles blancs.

Comme le *Malaíca* s'allume et s'éteindre pour, tout de suite, se rallumer plus loin, à l'imagination qui a créé ce fantôme, ne pouvait manquer d'arriver à lui donner des ailes, que lui donnent la possibilité de voler à son plaisir.

Aussitôt que nous avons entendu les nègres raconter à l'égard du corps du *Malaíca* qu'il n'avait des jambes et avait des ailes, tout de suite je pensais que pouvais le considérer comme une curieuse modalité du mythe de la sirène, largement répandu au monde.

Comme note finale je rapelle que Plinio dans sa célèbre oeuvre *Histoire Naturelle*, en 27 volumes, parle d'hommes étranges avec un seule oeil au milieu du front.

Comme nous avons vu, l'imagination des nègres a donné au *Minepa* cette particularité.

Nous pouvons penser que les marins romains, qui ont, certainement, navigué au long des côtes atlantiques d'Afrique, ont apporté à Plinio, qui était le chef, on pourra dire l'Amiral, de la flotte ou

force naval romaine, tout ce qu'ils ont vu et entendu pendant ses longues voyages.

Les informateurs de Plinio lui faisant le récit de ce qu'ils ont entendu, ont transformé le mythe en réalité concrète.

Summary

The MINEPA and MALAÍCA are two ghosts created by the fanciful imagination of the natives of Mozambique.

I heard about these two ghosts during my stay in Africa as head of the Anthropological Mission of Mozambique.

Minepa is a fantastic personage with an enormous human body, height of 5 or 6 meters. It has only one leg, only one arm with a sole finger, only one eye in the middle of the forehead, only one ear, and only one hair on the top of the head.

It has a great force according its vast corpulency and the extraordinary power of doing everything it is asked to do, because is regarded as assistant of the God.

To the natives it is omnipotent, because it is able to do all it is asked to do, and omniscient, because it is cognizant of all.

Near Nampula, in north Mozambique, there is a very important *Minepa* named NACURRO that lives in the Cocóla mountain.

It enjoys strange dualities.

It has twofold natures. It can be invisible but can assume the material form of human body with the anatomic caracteres above indicateds.

It is good.

To the natives that look it with respect and show signs of fear, it gives flesh of the big game it shoots on the Cocóla mountain.

Lighting large fires on the top of the mountain it advises the natives that in a few days will have rain and they must make the ground ready for sowing.

It is bad.

It can kill human creatures. So the natives never go up the Cocóla mountain overrunning its dominions.

To the natives, on the one hand, it is assistant of God, but, on the other hand it is a devil, a great devil.

They believe another devil, the NISSEPA, that is very little.

GINI is a masked devil, with the eyes covered with a cloth, that come into the body of the diseased persons.

CHETUANE is another devil. This one goes into the heads of persons, specially into the heads of women.

The MALAÍCA is another ghost dazzling in bright fire.

It springs up on the surface of the sea like a thin and elongated flame, sometimes 10 meters long. But the flame can get smaller, then shortly take the size of human body or of a barrel.

The fire of *Malaíca* sometimes comes at earth, and rolls round the trees licking them but without burning or singeing.

Is a cold light, as is peculiar of some luminous animals.

To the natives the Malaíca has a body like human body, but without legs and clothed with white hair.

As the Malaíca can set or put out the fire, to light immediately far away, it has wings.

Like this we can say that *Malaíca* is an interesting modality of the myth of the mermaid largely spread on the world.

Final note. Plinio in his treatise *Natural History* in 27 volumes, write about strange men with only one eye in the middle of the forehead.

As we have seen the imagination of the natives ascribe to the *Minepas* this particularity.

It is possible that the roman sailors that, certainly, sailed along the african coasts, brought to Plinio, that was the chief, we can say the Admiral, of the roman fleet, all that they had seen and had heard through their lengthy voyages.

The informers of Plinio reporting what they had heard, transformed the myth in verity.



Fig. 2 — Aberta rasgada na muralha que parece ter sido uma porta de entrada no recinto do Gomène

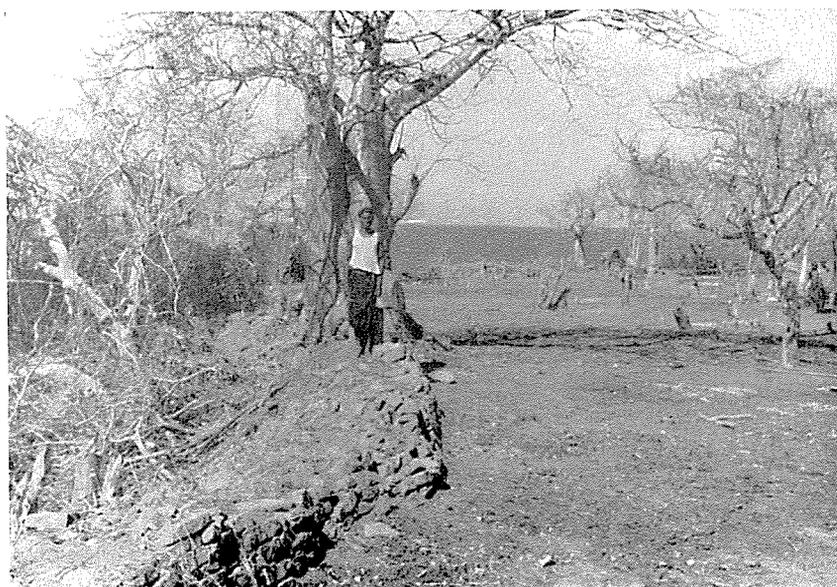


Fig. 3 — Aspecto parcial do recinto muralhado. À esquerda troço de muralha bastante destruído. Ao fundo a muralha sobranceira ao mar



Fig. 4 — Ângulo fundeiro da muralha que, depois de inflectir, segue paralela e sobranceira à praia



Fig. 5 — Aspecto da muralha do lado sul com cerca de 2 metros de altura



Fig. 6 — O terreirinho, *niñulo*, sempre limpo de ervas e bem varrido

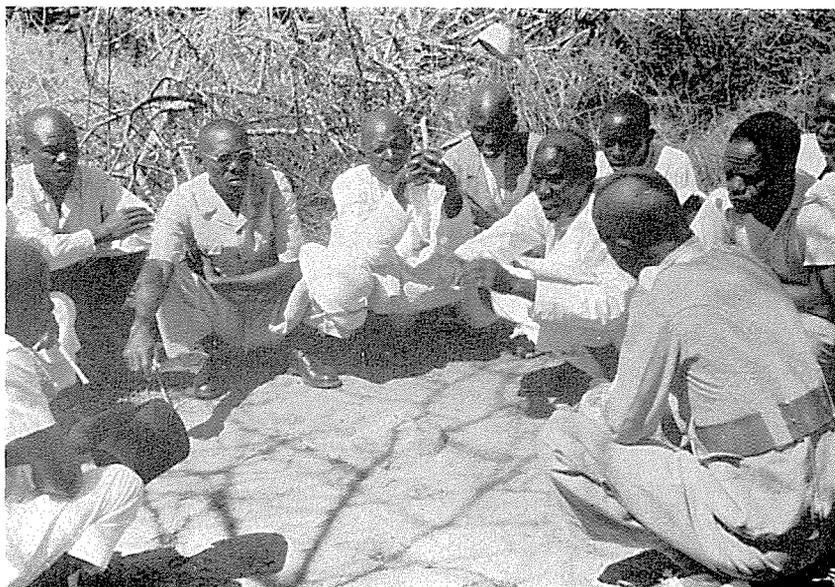


Fig. 7 — O régulo Macussi Marrôro, fardado, o primeiro a contar da direita, rodeado pelos coadjutores, no início da cerimónia



Fig. 8 — Um dos coadjutores em dada altura da sua prédica ergueu-se e continuou a falar de pé

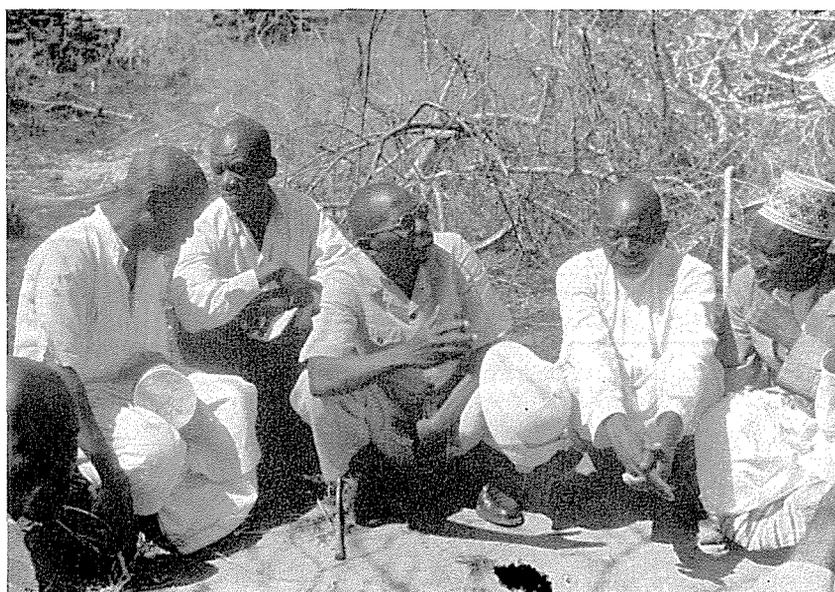


Fig. 9 — Um coadjutor falou de cócoras acompanhando a sua prédica com gestos do braço direito. À sua esquerda um dos presentes em atitude de recolhimento e de mãos postas